

Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado

Carl Sauer and Denis Cosgrove: Landscape and the Past

Roberto Lobato Corrêaⁱ
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Este ensaio compara as contribuições de Carl Sauer e Denis Cosgrove às temáticas da paisagem e do passado. Semelhanças e diferenças aparecem, assim como uma complementariedade na contribuição de ambos, que representam momentos distintos no âmbito da geografia cultural anglo-saxônica. A paisagem como morfologia e como uma cena impregnada de significados, de um lado, e o passado visto em diferentes escalas temporais e temáticas distintas, de outro, definem as diferentes matrizes que distinguem as contribuições de Sauer e de Cosgrove.

Palavras-chave: Sauer; Cosgrove; Paisagem; Passado; Morfologia; Significados.

Abstract: This study compares the contributions of Carl Sauer and Denis Cosgrove for the themes of landscape and the past. Similarities and differences are identified as well as how the work of one complements that of the other and so express different moments of Anglo-Saxon Cultural Geography. Landscape as morphology or as a scene full of meaning and the past seen through different temporal or thematic scales define the different matrixes that distinguish the contributions of Sauer from those of Cosgrove.

Keywords: Sauer, Cosgrove, landscape, past, morphology, meaning.

Introdução

O presente ensaio aborda a geografia cultural e histórica, focalizando dois de seus mais importantes geógrafos: Carl Sauer e Denis Cosgrove. Sua intenção é contribuir, via uma breve comparação entre os dois autores, para a história do pensamento geográfico.

A história do pensamento geográfico pode considerar um dado período caracterizado por uma combinação de ideias contrastantes e pelas tensões que são derivadas, ou uma dada corrente epistemológica ou teórica, que ocorreu com uma dada temporalidade, ou ainda um dado autor, cuja obra é considerada significativa. Período, corrente e autor constituem os focos principais na história do pensamento geográfico ou de outro campo do conhecimento. Mas é possível considerar dois ou mais autores que viveram no mesmo período ou em períodos distintos, mas que tiveram interesses temáticos comuns. Trata-se de estudo comparativo, no qual semelhanças e diferenças entre os autores deverão ser evidenciadas. As convergências e divergências definem a singularidade de cada autor.

ⁱ Professor colaborador dos Programas de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ e UERJ. Membro do NEPEC/UERJ. lobatocorrea@uol.com.br

Esta comparação, por outro lado, deve se apoiar em uma matriz construcionista na qual temas são selecionados, possibilitando uma comparação sistemática.

A comparação é possível com base na crença que entre processos, objetos e pessoas aparentemente tão distintos entre si há aspectos comuns que se repetem, e aspectos de distinção, que não se repetem. Semelhanças e diferenças estão na base da comparação, assim como uma perspectiva calcada no construcionismo epistemológico. Se Sauer (1889-1975) e Cosgrove (1948-2008) viveram em períodos distintos e exibem diferenças teóricas e epistemológicas consideráveis, no entanto, desempenharam papéis cruciais no desenvolvimento da geografia cultural e histórica.

A importância de Carl Sauer reside em seu papel no desenvolvimento da geografia cultural norte-americana, centrada na denominada Escola de Berkeley, da qual foi o líder. A vigência desta Escola situa-se entre 1925, quando foi publicada "A Morfologia da Paisagem", a 1975, ano do falecimento de Sauer. Seus herdeiros são ainda extremamente ativos. A importância de Sauer está expressa em artigos e coletâneas que tecem comentários sobre a obra Saueriana ou republicam textos do próprio Sauer. Estas publicações estendem-se por mais de 30 anos após o falecimento de Sauer, denotando a força e a continuidade de um pensamento. As coletâneas organizadas por Wagner e Mikesell (1962) e Leighly (1963) já anunciam essa força, cuja continuidade está expressa nas coletâneas organizadas por Callahan (1981), Kenzer (1987), Mathewson e Kenzer (2003) e Denevan e Mathewson (2009). No Brasil a obra Saueriana foi discutida por Corrêa (1997-1989 e 2001) e na coletânea organizada por Corrêa e Rosendahl (2011).

Cosgrove constitui um dos mais importantes autores da denominada nova geografia cultural, que começa a emergir na segunda metade da década de 1970 e ganha força a partir dos anos 90. A importância de Cosgrove é, em termos relativos, menor que a de Sauer, em parte por ser muito recente e por estender-se por apenas 30 anos. Importante ainda é o fato de Sauer ter sido um autêntico "chef d'École", em um momento em que as concepções de um dado campo de conhecimento estavam centradas em uma Escola e seu líder, um intelectual criativo: as Escolas de Chicago, Berkeley, *Ecole des Annales*, Frankfurt e Viena (Círculo de) são exemplos. A obra de Cosgrove, ao contrário, inscreve-se em momento em que as ideias e seu curso estão organizados em rede, via de regra multicentrada. Por outro lado, a obra de Cosgrove está ainda para ser avaliada. Julgamos que ela se situará, junto com a obra de Sauer, como uma das bases da geografia cultural e da geografia histórica. Consulte Corrêa (2011) e Freytag e Jons (2006).

Este texto aborda, primeiramente o contexto no qual a obra de ambos os autores foi elaborada. Em seguida, serão abordadas duas temáticas presentes na obra de Sauer e de Cosgrove, a paisagem e o passado. Estes temas não são mutuamente excludentes, mas o primeiro remete diretamente à geografia cultural, enquanto o segundo à geografia histórica.

O Contexto

A formação, o desenvolvimento e a carreira profissional de Sauer e Cosgrove foram realizadas em contextos profundamente diferentes no que diz respeito ao tempo, isto é,

ao momento da história da geografia, e aos lugares de formação, crescimento e prática profissional, onde estabelecem-se conexões entre pessoas e ideias. Trata-se do ambiente acadêmico, propício ou não, à vida acadêmica, com um dado “espírito do lugar” (*genius loci*). Tempo e lugar, temporalidade e localização, ambos impregnados de conteúdo epistemológico e teórico distintos, são elementos centrais que caracterizam o contexto, atuando decisivamente para os diferentes caminhos que ambos trilharam.

Neste texto, tempo e lugar são vistos em termos de formação e, a seguir, de acordo com o conceito de cultura adotado por cada um. Formação e conceito de cultura são temporais e locacionalmente identificáveis.

A Formação

Carl Sauer nasceu em Warrenton, Missouri, em 1889. Filho de imigrantes alemães metodistas, foi profundamente influenciado pela cultura alemã. Em sua graduação frequentou a Goethenian Society, que divulgava as ideias do filósofo alemão Goethe, para quem a forma constitui-se no ápice da criatividade humana (SPETH, 1987). Esta influência aparece no interesse de Sauer pelo estudo da morfologia, como exemplificado em seu clássico “A Morfologia da Paisagem” (SAUER, 1998-1925). Seu doutoramento, concluído em 1915, na Universidade de Chicago, introduziu-o, sob a influência de Rolin Salysbury e Ellen Semple, ao determinismo ambiental. Com base em suas pesquisas de campo, realizadas entre 1915 e 1923 e a partir daí em Berkeley, em contato com o antropólogo cultural Alfred Kroeber, Sauer refuta o determinismo ambiental, enfatizando o papel da cultura como determinação: desse modo Sauer substitui o determinismo ambiental pelo determinismo cultural. Consulte Corrêa (1997-1989, e 2001).

Denis Cosgrove nasceu em Liverpool, em 1948, em uma família católica. Entre 1959 e 1966 estudou em uma escola de jesuítas e obteve o seu bacharelado em 1969. Em 1971 obteve o mestrado em Toronto, Canadá, e em 1976 o seu doutorado em Oxford. Lilley (2009) argumenta que a sua formação católica o teria levado a estudar as formas simbólicas do catolicismo, sobretudo, aquelas do norte da Itália, procurando ver o papel que desempenharam na criação de significados culturais e geográficos.

A formação universitária de Cosgrove se deu em outro contexto, no qual a geografia humana inglesa passa por transformações que incluiria a adoção da cultura como tema. Cosgrove, em sua biografia (FREYTAG e JONS, 2006), argui que diferentemente dos Estados Unidos onde havia uma sólida tradição em geografia cultural, na Inglaterra esta era praticamente ausente. Foi durante o seu mestrado no Canadá que Cosgrove tomou contato com a obra de Sauer e de seus discípulos.

A formação de Cosgrove assenta-se em inúmeras fontes que foram por ele reelaboradas. A perspectiva dos significados advém de autores como Ruskin, Cassirer e Panofsky (FREYTAG e JONS, 2006), assim como de Raymond Williams. Diferentes autores contribuíram, assim, para que Cosgrove pudesse participar ativa e decisivamente na criação da nova geografia cultural, distinta daquela da Escola de Berkeley. Esta geografia cultural tinha em Cosgrove dos anos 70 e 80 uma forte marca do marxismo, que o levou a uma crítica radical à geografia Saueriana (COSGROVE, 2003-1983).

O Conceito de Cultura

O conceito de cultura, adotado explícita ou implicitamente por Sauer e Cosgrove, constitui importante elemento de diferenciação entre ambos. Ressalte-se que o conceito de cultura é objeto de intensas controvérsias, não havendo consenso. Sauer, influenciado por Alfred Kroeber, adotou um conceito abrangente de cultura, visto como o conjunto de criações humanas. A cultura, por outro lado, desempenha papel de determinação, podendo ser vista como entidade supraorgânica. Esta visão de cultura deriva não apenas da influência de Kroeber, mas também da predisposição de Sauer em opor-se ao determinismo ambiental. Finalmente, a cultura era única e o seu desenvolvimento não era reproduzível. Tratava-se de perspectiva calcada no historicismo, como apontam Speth (2011/1987) e Hoefle (1998).

O conceito de cultura tinha para Cosgrove outras raízes e configurações. Com base em Cassirer, no Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham, dirigido na década de 1970 por Stuart Hall, de Raymond Williams, professor na Universidade de Oxford, e na antropologia interpretativa de Clifford Geertz, cultura era entendida como os significados elaborados e reelaborados pelos diferentes grupos sociais a respeito das diversas esferas da vida. Significado é a palavra-chave. A cultura constituía-se, por outro lado, em um contexto, isto é, reflexo, meio e condição das diferenças socioculturais, não sendo nem determinante nem determinada. Finalmente, a cultura não se enquadra nem na perspectiva historicista de evolução, nem em um modelo evolucionista no qual todos os grupos passariam pelas mesmas etapas. Significados, contexto e inúmeras possibilidades de evolução caracterizavam o conceito de cultura adotado por Cosgrove. Consulte Jackson (1989), Hoefle (1998) e Cosgrove (2000).

As diferenças entre Sauer e Cosgrove sobre o conceito de cultura respondem, em grande parte, pelas diferenças entre ambos no modo como as mesmas temáticas foram tratadas. Cosgrove, nesse sentido, adota uma postura muito mais construcionista do que Sauer e seus discípulos, vinculados mais claramente ao empiricismo ontológico. Contudo, consideramos que este ponto necessita maior aprofundamento. Sobre construcionismo epistemológico e empiricismo ontológico, consulte Spink (2004).

Os Temas

Mesmas temáticas, mas com olhares diferentes indicam semelhanças aparentes e diferenças essenciais entre autores de um mesmo campo de conhecimento ou campos distintos. Mais do que o tema é o olhar que estabelece a diferença, resultante de combinação entre formação, sensibilidade e prática profissional. É isto que essencialmente distingue Sauer e Cosgrove. Mas há também temas diferentes abordados por um e por outro. Neste ensaio serão considerados dois temas semelhantes vistos, contudo, com olhares diferentes. Os temas, a paisagem e o passado, estão expressos em alguns textos que poderiam situar-se em uma ou outra temática: os enquadramentos feitos podem, assim, ser objeto de reinterpretação.

Paisagem: Morfologia e Simbolismo

A paisagem é um dos temas submetidos a diversos olhares, tanto por geógrafos como por não geógrafos. Todos contribuíram para a compreensão da ação humana na superfície terrestre, transformando-a. Tanto em Sauer como em Cosgrove a paisagem teve enorme centralidade. A “Morfologia da Paisagem” (SAUER, 1998-1925) é um dos clássicos da obra Saueriana. “Social Formation and Symbolic Landscape” (COSGROVE, 1984) e o estudo sobre a paisagem do norte da Itália no século XVI (COSGROVE, 1993), exemplificam a importância da temática em pauta para Cosgrove. Paisagem cultural e sua morfologia para Sauer e paisagem e simbolismo para Cosgrove evidenciam o olhar distinto de Sauer e Cosgrove para a mesma temática.

Sauer considera a paisagem como o conceito-chave da geografia. A paisagem é o conjunto de formas naturais e culturais associadas em área. Materialidade e extensão são atributos essenciais da paisagem Saueriana, não se admitindo o uso do termo como metáfora, como paisagem política ou econômica. As formas que constituem a paisagem estão integradas entre si, apresentando funções que criam uma estrutura. A paisagem constitui, assim, em uma unidade orgânica ou quase orgânica. Trata-se de morfologia na qual forma, função e estrutura são elementos centrais (SAUER, 1998-1925).

A paisagem Saueriana, isto é, a paisagem cultural, era o resultado da ação da cultura, o agente modelador da paisagem natural. É nesse sentido que Sauer foi criticado por entender a cultura como entidade abstrata, supraorgânica, sem agentes sociais concretos, sendo gerado um quadro harmonioso: a paisagem cultural. Sobre esta questão polêmica, consulte Duncan (2003-1980).

A paisagem Saueriana está expressa, por exemplo e simplificada, em um vale com suaves colinas, com campos cultivados segundo uma certa lógica, casas dispostas ordenadamente gerando padrão disperso ou concentrado, caminhos e estradas e áreas de reserva florestal. O tipo de casa e de celeiro são elementos da paisagem cultural. A paisagem para Sauer e seus discípulos era eminentemente rural, via de regra tradicional, exibindo o longo efeito da cultura e criando e consolidando uma cena rural. Veja Speth (2011-1987) sobre a visão de mundo de Sauer. Consulte, ainda, Penn e Lukermann (2011), que discutem o clássico “A Morfologia da Paisagem” de Sauer.

Diferentemente de Sauer, Cosgrove não considera a paisagem na perspectiva da morfologia. Influenciado fortemente por John Ruskin, intelectual inglês do século XIX, que se dedicou ao estudo da paisagem, Cosgrove (1979) enfatiza a experiência que se pode ter da paisagem, possibilitando a criação de significados. A paisagem não é apenas morfologia, mas insere-se também no mundo dos significados, estando impregnada de simbolismo. É nessa perspectiva que Cosgrove interessa-se pela gênese da ideia de paisagem na Europa e não pela sua gênese em termos morfológicos. É no Renascimento que a ideia de paisagem emerge, vinculada à ação prática em um período de transformações sociais, técnicas, políticas e artísticas, aí incluindo-se a pintura, com a adoção da perspectiva linear, que permite representar a paisagem em três dimensões em um plano de duas dimensões. A paisagem é um “modo de ver” (COSGROVE, 1985).

A paisagem pode ser vista como uma síntese pictórica externa, que representa esteticamente as relações entre vida humana e natureza. Mas esta síntese é sujeita à

polivocalidade, interpretada de acordo com diferentes olhares. Assim, a paisagem pode ser vista como “paisagem do consumo” ao se considerar a ocupação suburbana do sul da Califórnia (COSGROVE, 2006). Pode ainda ser interpretada como mapa, teatro, espetáculo e texto (COSGROVE, 1993), ou ainda como paisagem da classe dominante, paisagem residual, paisagem emergente e paisagem excluída (COSGROVE, 1998). A paisagem tem assim, um sentido político, sendo um “poderoso meio através do qual sentimentos, ideias e valores são expressos” (COSGROVE, 1993, p. 8) e simultaneamente modelam esses mesmos sentimentos, essas ideias e esses valores. Por meio da perspectiva dos significados Cosgrove vai além da morfologia da paisagem, enriquecendo o conhecimento sobre a paisagem cultural.

O Passado: Focos, Tempo e Áreas

Tanto Sauer como Cosgrove estiveram profundamente vinculados à geografia histórica: a geografia do passado constituía temática fundamental para ambos, podendo-se falar que muitos dos trabalhos deles eram de geografia histórico-cultural. O artigo “Foreword to Historical Geography” (SAUER, 1941b) é um exemplo contundente desse interesse, assim como o já mencionado estudo sobre a paisagem do norte da Itália no século XVI (COSGROVE, 1993). Mas o interesse comum pela mesma temática tinha suas diferenças, manifestas no que se refere aos focos, tempo e áreas de estudo.

A história da cultura no espaço constitui um dos grandes temas de Sauer e da Escola de Berkeley, como argumentam Wagner e Mikesell (2003-1962). Nesta temática, a difusão espacial de artefatos, ideias, pessoas, plantas e animais é um dos focos principais da história da cultura. A coletânea “Seeds, Spades, Herds and Hearths” (SAUER, 1969) sobre a domesticação e difusão de animais e plantas alimentícias é um exemplo eloquente. O interesse pelo passado remoto inclui ainda, entre outros, estudos sobre o domínio do fogo pelo homem, domínio que possibilitou a expansão do ecúmeno e o desenvolvimento da cultura em geral (SAUER, 1964). Anteriormente, Sauer discutira a ocupação humana do continente americano (SAUER, 1944) e as relações entre o homem e o meio ambiente durante a última glaciação (SAUER, 1948).

A geografia histórica de Sauer abrangiu também o continente americano após a chegada dos europeus, conforme aparece em textos da coletânea organizada por Leighly (1963) e em outras publicações. O Meio-Oeste e o Sudoeste dos Estados Unidos e o México foram as áreas privilegiadas por Sauer. O povoamento do Meio-Oeste foi analisado com base em suas pesquisas referentes às décadas de 1910 e 1920, voltando a revisitar o tema e a área na década de 1960: as mudanças verificadas na organização do espaço e da paisagem são discutidas por Sauer, evidenciando seu interesse em acompanhar a dinâmica regional. Veja Sauer (1963a e 1963b). Em “The Personality of Mexico” (SAUER, 1941a) aborda a formação da identidade mexicana, construída com base em três culturas: a dos espanhóis, a dos povos indígenas das regiões central e meridional, em estágios culturais mais avançados, e a dos povos indígenas do norte, menos avançados.

O passado para Cosgrove assume focos, temporalidades e áreas distintas daqueles de Sauer, vinculando-se, de um lado, à paisagem do século XVI no norte da Itália e, de outro, à história das imagens, particularmente das representações cartográficas, na

Antiguidade e no Renascimento, sobretudo. O interesse pelo passado levou Lowenthal a considerá-lo tanto como geógrafo cultural como geógrafo histórico (LOWENTHAL, 2008).

A paisagem da região do Veneto, no norte da Itália, objeto de sua tese de doutorado, publicada mais tarde (COSGROVE, 1993), constitui-se na referência essencial do interesse de Cosgrove sobre a paisagem. No século XVI essa paisagem sintetizava o poder, o desenvolvimento técnico, as mudanças conceituais nas representações materiais e a apropriação de uma área drenada pela elite mercantil da poderosa Veneza. Trata-se, conforme o próprio Cosgrove arguiria, de uma paisagem da classe dominante. Paisagem palladiana, em homenagem ao arquiteto renascentista Andreas Palladio, que construiu templos, palácios e “vilas” para exaltar o sucesso de Veneza e de sua elite. Este estudo é, na realidade, um estudo de geografia histórico-cultural, envolvendo paisagem e passado.

O interesse pela história das imagens traduz-se, entre outros, em seu estudo sobre a cartografia na Veneza do século XVI (COSGROVE, 1992), sobre a genealogia da cartografia na imaginação ocidental (COSGROVE, 2001) e pelo seu capítulo no livro “The History of Cartography” (COSGROVE, 2007).

O passado foi, assim, diferentemente considerado por Sauer e Cosgrove. Em comum está o interesse de ambos em tornar inteligível os processos pelos quais o homem cria o seu próprio mundo e ao mesmo tempo o representa.

Considerações Finais

Consideraremos dois pontos que emergem da breve comparação entre Carl Sauer e Denis Cosgrove. O primeiro refere-se à contribuição de ambos para o desenvolvimento da geografia cultural. Sauer e Cosgrove situam-se entre aqueles que decisivamente fizeram a geografia caminhar. Viveram em contextos diferentes, mas em contextos de mudanças, como foram as décadas de 1920 e 1970, marcos dessas mudanças. Em comum ainda tiveram enorme paixão pela geografia. A curiosidade e o talento de ambos os fizeram participar ativamente do processo de mudanças que levou a geografia do determinismo ambiental para o determinismo cultural em Sauer e de uma geografia cultural pouco crítica, para uma centrada nos significados e com certo tom crítico. Rupturas e continuidade estão presentes na obra de cada um.

O segundo ponto diz respeito às diferenças entre eles. São bem-vindas, evidenciando uma oposição complementar que enriquece a geografia cultural em particular e a geografia como um todo. Na realidade, os caminhos percorridos por Sauer e Cosgrove podem ser descritos por duas retas que, via de regra, são paralelas, mas que apresentam inúmeros pontos onde se encontram. É por meio dessa configuração que contribuem para a inteligibilidade da ação humana na superfície terrestre. A complementaridade não é sincrônica, mas diacrônica, e essa complementariedade diacrônica, impregnada de rupturas e continuidade caracteriza a obra de Sauer e Cosgrove quando comparadas.

Referências Bibliográficas

CALLAHAN, R. (org). *Selected essays - 1963-1975*. Berkeley: Turtle Island Foundation, 1981.

Corrêa, R. L.

CORRÊA, R.L. Carl Sauer e a geografia cultural. In: *Trajatórias Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997 (1989).

CORRÊA, R.L. Carl Sauer e a Escola de Berkeley – uma apreciação. In: *Matrizes da Geografia Cultural*. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

CORRÊA, R.L. Denis Cosgrove – A paisagem e a imagem. *Espaço e Cultura*, 29, 2011.

CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Sobre Carl Sauer*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

COSGROVE, D. John Ruskin and the geographical imagination. *Geographical Review*, 69(4), 1979.

COSGROVE, D. *Social formation and symbolic landscape*. Londres: Croom Helm, 1984.

COSGROVE, D. Prospect, perspective and the evolution of landscape idea. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 10(1) NS, 1985.

COSGROVE, D. Mapping new worlds: culture and cartography in sixteenth century Venice. *Imago Mundi*, 14, 1992.

COSGROVE, D. *The palladian landscape. Geographical change and its cultural representations in sixteenth century Italy*. University Park, Pennsylvania State University Press, 1993.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: *Paisagem, Tempo e Cultura*. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 (1989).

COSGROVE, D. Mundos de significados. Geografia cultural e imaginação. In: *Geografia Cultural: Um Século* (2). CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

COSGROVE, D. *Appolo's eye. A cartography genealogy of the earth in the western imagination*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001.

COSGROVE, D. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: *Introdução à Geografia Cultural*. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003 (1983).

COSGROVE, D. Modernity, community and the landscape idea. *Journal of Material Culture*, 11(1-2), 2006.

COSGROVE, D. Renaissance cosmography – 1450-1650. In: *The History of Cartography*. V. 1 – *Renaissance Cartography*. WOODWARD, D. (org.). Chicago: The University of Chicago Press, 2007.

DENEVAN, W.; MATHEWSON, K. (orgs.). *Carl Sauer: culture and landscape: readings and commentaries*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2009.

DUNCAN, J. O supraorgânico e a geografia cultural americana. In: *Introdução à Geografia Cultural*. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003 (1980).

FREYTAG, T.; JONS, H. Visions and “the cultural” in geography: a biographical interview with Denis Cosgrove. In: *Geographical Imagination and the Authority of Images*. Hettner-Lecture 2005, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, 2006.

HOEFLE, S.W. Cultura na história do pensamento científico. *Revista da Pós-Graduação em Geografia da UFRJ*, 2, 1998.

JACKSON, P. *Maps of meaning*. Londres: Routledge, 1989.

KENZER, M. (org.). *Carl Sauer: A tribute*. Corvallis: Oregon State: University Press, 1987.

LEIGHLY, J. (org.). *Land and life. A selection of the writings of Carl Sauer*. Berkeley: University of California Press, 1963.

LILLEY, K.D. Denis Cosgrove – 1948-2008. *Social and Cultural Geography*, 10(2), 2009.

LOWENTHAL, D. Professor Denis Cosgrove: cultural and historical geography. *The Independent*, 8 de abr., 2008.

MATHEWSON, K.; KENZER, M. (orgs.). Culture, land and legacy. Perspectives on Carl O. Sauer and Berkeley school geography. *Baton Rouge, Geoscience and Man*, 34, 2003.

PENN, M.; LUKERMANN, F. Corologia e paisagem: uma leitura internalista de “A morfologia da paisagem”. In: *Sobre Carl Sauer*. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro, EDUERJ, 2011.

SAUER, C.O. The personality of Mexico. *The Geographical Review*, 31(3), 1941a.

SAUER, C.O. Foreword the historical geography. *Annals of the Association of American Geographers*, 31(1), 1941b.

SAUER, C.O. A geographic sketch of early man in America. *The Geographical Review*, 34(3), 1944.

SAUER, C.O. Environmental and culture during the last glaciation. *Proceedings of the American Philosophical Society*, 92, 1948.

Corrêa, R. L.

SAUER, C.O. Homestead and community in the middle border. In: *Land Use Policy in United States*. OTTONSON, H. (org.). Lincoln: University of Nebraska Press, 1963a.

SAUER, C.O. Status and change in the Midwest – a Retrospect. *Mitteilungen der Österreichischen Geographischen Gesellschaft*, 105, 1963b.

SAUER, C.O. *Seeds, spaces, herds and hearths. The Domestication of Animals and Foodstuffs*. Cambridge: The MIT Press, 1969.

SAUER, C.O. A morfologia da paisagem. In: *Paisagem, Tempo e Cultura*. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 (1925).

SPETH, W. Historicismo: A visão disciplinária do mundo de Carl Sauer. In: *Sobre Carl Sauer*. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011 (1987).

SPINK, M.J. *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

WAGNER, P.; MIKESELL, W. (orgs.). *Readings in cultural geography*. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

WAGNER, P.; MIKESELL, W. Temas da geografia cultural. In: *Introdução à Geografia Cultural*. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003 (1962).

Recebido em: 24/4/2014

Aceito em: 15/5/2014